

Milhões garantem volta de políticos

Uma outra previsão do início do governo Collor não se confirma na prática: a de que o Plano Collor propriamente dito, tornaria esta campanha eleitoral atípica, nivelando por baixo os gastos dos candidatos e colaborando desta forma para a renovação de quadros políticos. A coisa está acontecendo de forma inversa.

Em São Paulo, aliados do governador Orestes Quérzia (foto) admitem que ele está gastando mais de dois milhões de dólares para eleger uma bancada própria e fazer o sucessor, o delegado Luís Antônio Fleury. "É uma parte do 'caixa' que seria gasto na campanha presidencial; caso ele fosse o candidato do PMDB em 1989, em vez do doutor Ulysses", garante um deputado federal paulista do mesmo partido do governador.

Há candidatos a deputado federal em São Paulo pagando Cr\$ 300 mil a cada vereador que consegue trazer para sua campanha em cidade do Interior, diz o deputado Fernando Gasparian, candidato à reeleição. As campanhas mais caras são as dos aliados do governador Quérzia: as do ex-deputado, ex-secretário e ex-militante do Partido Comunista Brasileiro Alberto Goldman; do deputado Airton Sandoval, que é presidente do PMDB paulista, além da campanha de milionários como o deputado Paulo Zarzur. Se o apoio de um vere-

ador custa Cr\$ 300 mil, o engajamento de um prefeito, dependendo é claro de sua importância eleitoral e do peso de sua cidade, custa muito mais.

Alguns deputados que eram tidos quase como cartas fora do baralho deverão se reeleger sem problemas. Dois exemplos:

Ulysses Guimarães e Roberto Cardoso Alves. Os amigos e admiradores chegaram a temer pela sorte do "Doutor Ulysses", desgastado pelos dois anos de Constituinte, pelos quatro cargos acumulados nestes anos e pelo governo Sarney, poderia não conseguir a reeleição.

Foi justamente esta preocupação que salvou o veterano político. Muita gente correu a ajudá-lo, ele tem feito palestras para entidades de classe e instituições, já se calcula que ele terá uma votação superior aos 60 ou 70 mil, sem gastar muito. É verdade que ele também foi socorrido neste quesito.

Eleito ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio no final do governo Sarney com o objetivo explícito de disputar o governo de São Paulo pelo PTB. Distribuiu verbas para igrejas (tirava de



fundos destinados ao turismo) do interior paulista, ajudou de várias formas entidades e instituições de São Paulo e prefeituras municipais, além de amigos importantes em termos de votos. Ele terminou o governo Sarney certo de que sua candidatura a governador era inviável, mas com a reeleição para a Câmara garantida. Um dos amigos, empresário paulista, lhe doou, só como exemplo, mais de mil camisetas de campanha, como prova de gratidão.

No Rio de Janeiro, a campanha mais cara para a Câmara Federal talvez seja a do candidato a deputado federal Clímerico Velloso, um dos proprietários das Casas da Banha. Ele deverá gastar Cr\$ 80 milhões para conseguir o mandato. Abaixo dele também aparecem com grande poder de fogo Rubem Medina, Francisco Dornelles e Fábio Raunheitti, todos candidatos à reeleição. Cada um está com uma campanha orçada em Cr\$ 50 milhões, gastos em publicidade, marketing, cabos eleitorais e mais prefeitos e vereadores do Grande Rio e do Interior. O deputado Rubem Medina, por exemplo, acaba de fechar um acordo de mais de Cr\$ 2 milhões com o prefeito e alguns vereadores da cidade de Mira-cema. O custo médio de um mandato no Rio de Janeiro está entre Cr\$ 15 e Cr\$ 25 milhões.